



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Centro de Educação- CEDU
Maceió - Alagoas - Brasil

Autorretrato na Educação Infantil: Um relato de experiência sobre a identidade e o reconhecimento étnico

Gabriela Marroquim dos Santos

(IFAL)

gabrielamarroquims@gmail.com

Laura Regina Bezerra Porangaba

(IFAL)

lauraporan@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetivou investigar a relação que as crianças, na faixa etária entre 4 e 5 anos de uma escola da rede Municipal de Maceió - AL, possuem com a sua identificação étnica por meio de um letramento visual (desenho), buscando investigar a respeito de como a sua visão de mundo reflete sobre si mesma e assim, em consonância com a teoria do letramento crítico defendida por Aguiar (2020) e outros autores que falam sobre identificação étnica na Educação Infantil (EI), como Damião (2006), Dias (2010) entre outros.

É importante ressaltar que as crianças são seres que compreendem o mundo a partir da realidade que elas vivem e pode representá-lo em diversas formas, como nas brincadeiras - representando papéis - ou nos seus desenhos. Dessa forma, elas comunicam ao mundo tudo aquilo que elas veem, observam, sentem, imaginam, criam, experienciam. Barbieri (2012, p. 100) defende que o desenho é “uma forma de representação simbólica, não representa necessariamente o aspecto aparente, mas como cada um vê ou como interpreta o que vê”.

Assim, ao atribuir essa representação em forma de desenho de si mesmo, tentando investigar quais tonalidades de cores elas iriam escolher para se representar, foi proposto para as crianças a produção de autorretratos com o intuito de observar se elas se percebem e identificam a sua própria etnia.

Dessa forma, para conseguir os resultados da pesquisa, foi realizado um estudo de campo, com caráter qualitativo, visando analisar a forma com que as crianças se identificavam através de um autorretrato antes e depois de uma proposta pedagógica. Segundo Damião, “[...] na produção de suas imagens gráfico-plásticas as crianças podem revelar a forma como vê a si, como vê aos outros, bem como as relações socioculturais presentes no seu ambiente. (DAMIÃO, 2006, p.93)

Para tal, foram realizadas cinco etapas, que se dividiram em dois dias. Foram elas: 1º etapa: Explicação sobre autorretrato; 2º etapa: realização dos desenhos com lápis de cores de peles diversos; 3º etapa: leitura do livro infantil “Bonito é ser feliz” de Almeida Junior e assistir ao vídeo da música “Normal é ser diferente” do canal Grandes pequeninos; 4º etapa: Roda de conversa sobre o livro e vídeo assistido; 5º etapa: Fazer um novo desenho a partir da reflexão tida no momento anterior. Como resultado, foi perceptível o aparente reconhecimento étnico de algumas crianças, além do desenvolvimento de consciência corporal.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar a visão que as crianças de uma turma do 1º período de um CMEI da Rede Municipal de Maceió possuem com sua identificação étnica por meio de desenhos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer e produzir um novo gênero textual denominado autorretrato;
- Discutir sobre as diferenças entre as pessoas a partir do contato com um livro e um vídeo infantil sobre o tema;
- Valorizar os traços e características pessoais de forma a contribuir para a construção da sua identidade;
- Provocar reflexão crítica acerca das diferenças étnicas.

3 METODOLOGIA

O trabalho desenvolvido trata-se de um estudo de campo, no nível descritivo, com o propósito de analisar os objetivos já manifestados neste

projeto. Como instrumento da pesquisa foram utilizadas as observações feitas nos desenhos e as falas das crianças ao explicá-los, focando principalmente na ideia das cores de peles que elas utilizaram e assim conseguir medir as variáveis apresentadas em suas falas.

Nos dois dias de realização da pesquisa estavam presentes sete crianças na faixa etária entre quatro e cinco anos.

No primeiro dia foram realizadas duas etapas:

- 1º etapa: Discussão sobre autorretrato em uma roda de conversa (o que é? como é feito?);
- 2º etapa: Disposição de lápis de cor e giz de cera de diferentes cores, inclusive de diferentes cores de pele, e produção de autorretratos.

No segundo dia, foram realizadas mais três etapas:

- 3º etapa: Leitura do livro “Bonito é ser feliz” de Almeida Junior seguido do vídeo da música “Normal é ser diferente” do canal “Grandes pequeninos”;
- 4º etapa: Roda de conversa (O que acharam do livro e da música? O que entenderam?); Momento de apreciação de si mesmo em frente ao espelho;
- 5º etapa: Produção de um novo autorretrato com os mesmos materiais disponíveis.

Para analisar os dados colhidos de forma qualitativa, foram escolhidos alguns desenhos para serem discutidos e associados com alguns autores no intuito de dar sentido à interpretação. Em sequência “buscar o que se esconde sob a aparente realidade, o que significa verdadeiramente o discurso enunciado, o que querem dizer, em profundidade, certas afirmações, aparentemente superficiais”(CÂMARA, 2013, p.189).

Assim, por meio das amostras escolhidas, foram 3 (três) desenhos, buscamos compreendê-los e relacioná-los com as falas durante a roda de conversa e assim poder captar qual a visão que as crianças têm sobre a sua etnia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conceito de letramento crítico, segundo Aguiar (2020),

nasce da preocupação de teóricos da crítica social em dismantelar as injustiças e desigualdades sociais, percebendo que as relações desiguais de poder são predominantes na sociedade [...]. (AGUIAR, 2020, p. 512).

Assim, a escola aparece como um importante espaço de questionamento e diálogo sobre as condições sociais por parte tanto de professores, quanto de alunos. Para Dias (2010), a escola deve promover práticas pedagógicas desde cedo sobre a diversidade étnico-racial que estimulem a boa convivência e o respeito físico, psicológico, de crenças, desejos e ideias. Ainda segundo Dias (2010),

Tal respeito, obviamente, não significa passividade diante do outro, ausência de conflitos e discussões sobre pontos de vistas. [...] O respeito é sempre a negociação entre os diferentes modos de ser, estar e fazer. (DIAS, 2010, p.3)

Dessa maneira, o conflito pode e deve estar presente no ambiente escolar, sendo base para a transformação social, também defendida por Aguiar.

A partir da comparação entre os desenhos produzidos antes e após a proposta pedagógica, foram identificados alguns aspectos relevantes quanto ao conceito de identidade e identidade étnica. Para análise, focaremos aqui em uma amostragem de resultados de duas crianças que serão identificadas pelos nomes fictícios Ana e João. O desenho produzido na 2º etapa será chamado de “Desenho 1”, já o que foi produzido na 5º etapa será o “Desenho 2”.

Ana



Imagem 1 - Ana: Lado esquerdo - desenho 1/ Lado direito - desenho 2. Fonte: as autoras.

Durante a quarta etapa prática da pesquisa, as crianças foram convidadas a se olharem em frente ao espelho, tocar suas faces, olharem suas características e seus corpos. Nota-se a importância da dinâmica com o

espelho para o desenvolvimento da consciência corporal de Ana, para Zambelli e Metzner (2018), o espelho “é um instrumento que influencia gestos e comportamentos das crianças, proporcionando momentos de descobertas a partir de seus próprios sentimentos e expressões [...]” (ZAMBELLI; METZNER, 2018, p. 232). Segundo Cavalari,

O corpo [...] está sempre em transformação e a consciência que temos dele é alcançada quando o vivenciamos. Não podemos ter consciência corporal se não vivenciarmos o corpo. Esse vivenciar é tanto biológico, social, psicológico como cultural. (CAVALARI apud ROCHA, p. 28)

Dessa forma, experiências proporcionadas pelos professores com o uso de espelhos influenciam diretamente no desenvolvimento da consciência corporal das crianças de EI.

João

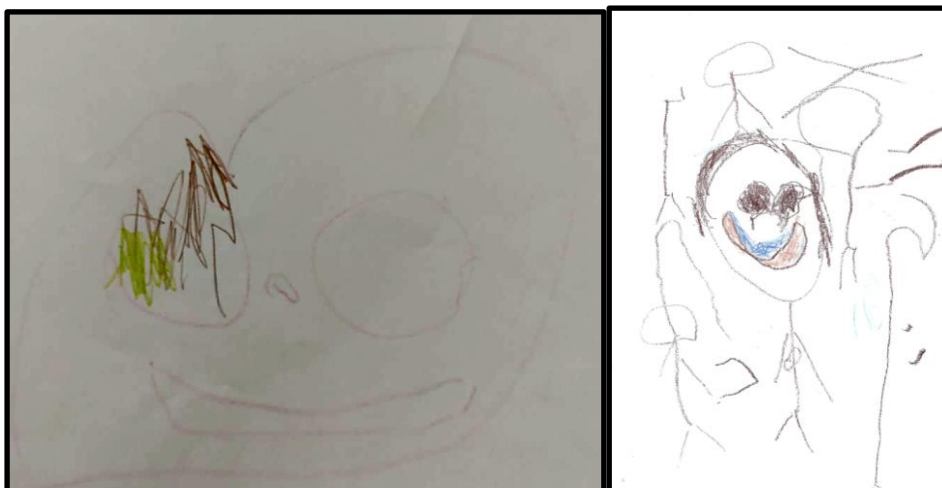


Imagem 2 - João: Lado esquerdo - desenho 1/ Lado direito - desenho 2. Fonte: as autoras.

No caso do João, além da consciência corporal, houve também uma mudança na cor em que escolheu se representar, segundo Damiano (2006),

Na brincadeira com linhas, pontos, cores e formas a criança negra pode significar as experiências vividas, pondo em ação e integrando por meio da criação de imagens uma série de fatores que podem contribuir para a constituição de uma percepção valorizada de si. (DAMIÃO, 2006, p.96)

Ou seja, é possível que a escolha da cor do giz de cera no segundo momento de produção do autorretrato do João tenha sido uma parte do processo de valorização de suas características individuais e étnicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas, pode-se perceber a importância que as intervenções e propostas pedagógicas com o tema identidade podem ter no processo de autorreconhecimento de crianças, sobretudo com relação à construção da identidade étnica e também de consciência corporal. Dessa forma, é indispensável que o professor esteja atento em sala para as discussões, questionamentos, materiais e culturas que estão sendo escolhidas ou privilegiadas, quais as relações de poder estão envolvidas neste processo? Tudo isso é essencial para o desenvolvimento de experiências que auxiliem a criança da EI a construir sua própria identidade, sendo ao mesmo tempo ouvida e respeitada.

Portanto, o professor deve estar articulado com práticas relacionadas ao letramento crítico que visa contribuir na formação das crianças com uma educação focada na criticidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, André. **Letramento Crítico e colaboração Crítica - entrelaçando teorias com vistas à transformação social**. CALIDOSCÓPIO, v. 19, nº 4, p. 509 - 523, dez. 2021 - NÚMERO ESPECIAL.

BARBIERI, Stela. **Interações: Onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.

ROCHA, Ione Paula. **Consciência corporal, esquema corporal e imagem do corpo**. Corpus et Scientia, vol. 5 , n. 2 , p. 26-36, setembro, 2009.

CÂMARA, Rosana Hoffman. **Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações**. *Geraiis, Rev. Interinst. Psicol.* [online]. 2013, vol.6, n.2, pp. 179-191. ISSN 1983-8220.

DAMIÃO, Flávia de Jesus. **O desenho infantil e as relações étnico-raciais na educação infantil: uma discussão necessária?**. Série-Estudos - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande-MS, n. 22, p. 91-98, jul./dez. 2006.

DIAS, Lucimar Rosa. **Educação Infantil e a Construção de uma educação anti-racista: desafios e proposições**. Salto para o futuro. Gestão educacional para diversidade. Ano XX, Boletim 12, 2010.

ZAMBELLE, Jéssica Aparecida; METZNER, Andreia Cristina. **O uso do espelho na educação infantil: um importante recurso para o desenvolvimento do esquema corporal da criança**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro SP.